

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA
POR MEIO DA OBRA
QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA
DE CAROLINA MARIA DE JESUS, LANÇADO EM 1960

Caroline Fernandes (UVA)
carolzinha_094@hotmail.com

RESUMO

Este artigo visa analisar a possibilidade de uma construção identitária por meio da obra de Carolina Maria de Jesus, uma mulher excluída por questões sociais e étnicas. Trata-se de uma narrativa testemunhal de cunho autobiográfico e, por isso, há possibilidade de analisar a construção de identidade dessa enunciatória. Para isto, serão utilizados os conceitos de *ethos* discursivo, segundo Aristóteles e de identidade, proposto por Stuart Hall (1987).

Palavras-chaves: Identidade. Discurso. Narrativa.

1. *Introdução*

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, cidade mineira, no dia 14 de março de 1914. Devido às dificuldades de sobrevivência, ela e sua família nunca ficavam por muito tempo em Minas Gerais e por esse mesmo motivo, Carolina Maria de Jesus estudou somente os anos iniciais escolares. A autora faz parte de um grupo muito grande de brasileiros: os marginalizados; aqueles que estão às margens da sociedade, sem as questões básicas necessárias à sobrevivência. Em uma dessas fases de necessidade, Carolina Maria de Jesus acaba mudando-se para a favela de Canindé, em São Paulo e é na metrópole que escreve seu diário.

Apesar de não fazer parte de um grupo seletivo de brasileiros, ela e muitos outros fazem parte de uma população sem voz social. Porém, assim como todos, ela e seus vizinhos da favela de Canindé provêm de identidade. Nesse sentido, o presente estudo procura identificar essa construção identitária por meio do diário publicado: *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, em 1960.

A pesquisa divide-se, para isso, em quatro partes. A primeira é responsável pela revisão bibliográfica, que apresentará uma dissertação sobre as teorias escolhidas para análise como forma de dar base às ideias defendidas pelo tema. A segunda virá com a metodologia que mostrará de que forma essa análise será feita. As seguintes seções – terceira e

quarta partes – trarão análise de dados e conclusão com a união das teorias ao tema. Ressalta-se a pretensão futura para esse melhor desenvolvimento e aprofundamento desse estudo, respectivamente.

Para tanto, dispomos das teorias de identidade, proposta por Stuart Hall e o conceito de *ethos* do discurso de Aristóteles como base substancial a fim de perceber a construção de identidade por meio do discurso. Como *corpus*, será verificada essa construção de identidade a partir das reflexões acerca das narrativas de Carolina Maria de Jesus. Salientamos que há intenções de publicações posteriores e aprofundamento desse trabalho inicial.

2. Revisão bibliográfica

A obra referida de Carolina Maria de Jesus enquadra-se em torno do século XX. Século que abrange o momento histórico em que vozes marginalizadas – migrantes e negros – assomavam à cidade de São Paulo. Nos anos de 1960, o mundo literário ainda assumia uma postura machista. A literatura hegemônica era masculina e branca, apresentando como característica a inacessibilidade até mesmo para as mulheres "bem-nascidas". Portanto, não é de se espantar o fato de que Carolina Maria de Jesus se encontrasse na contramão para ascender no meio da escrita.

Aliás, motivos para que Carolina Maria de Jesus não ascendesse ao mundo da escrita era o que não faltava: preta, favelada, mulher e pobre. Assim como seus vizinhos²⁹, ela sofria todos os dias por essas quatro características que eram suas. Além de não se encaixar no padrão que a sociedade impunha, Carolina Maria de Jesus também não atendia às expectativas da norma culta da língua portuguesa. Para Stuart Hall (1987), identidade está inserida no processo de representação e as relações espaço-tempo são responsáveis por isso. Ou seja, o indivíduo é formado pelas trocas e relações interpessoais. Em seu diário, Carolina Maria de Jesus retrata não só a sua vida e a de seus três filhos – João Carlos de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus, todos abandonados pelos três diferentes pais – mas também de seus vizinhos. Há, através do discurso, a representação de si e apresentação de outrem. "Como 'aguentar' quando a vida nos submete a uma prova terrível? Como transformar o "foro íntimo" em campo de defesa onde recuperamos a energia e buscamos forças? O diário pode trazer coragem e apoio. (...)" (LEJEUNE, 2008, p.

²⁹ Carolina Maria de Jesus produziu narrativas sobre sua vida e de seus vizinhos.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

263)

É possível inferir, através das situações descritas por Carolina Maria de Jesus junto à teoria de Philippe Lejeune, que a escrita foi um meio de evasão à realidade que ela encontrou para si e, de alguma forma, para aqueles que sentiam e viviam com ela as mazelas de serem um povo à margem da sociedade.

Para a construção identitária da narradora, é especialmente importante o estudo sobre a noção de *ethos*, que surge na Grécia com Aristóteles, em Roma com Quintiliano e Cícero, com perspectivas diferentes. Utilizaremos a retórica grega de Aristóteles que, segundo Palmira Virginia Bahia Heine (2007, p. 41), tem a ideia de que "o *ethos* se refere a textos orais e escritos, em que os enunciadores fornecem uma imagem de si através do discurso". Ou seja, na perspectiva da análise do discurso, sabe-se que todo discurso tem a subjetividade do enunciador, sua imagem.

Carolina Maria de Jesus, ao escrever seu diário, criou uma imagem de si. Nesse sentido, afirmar que os indivíduos que discursam criam uma imagem de si, significa dizer também o contrário: o discurso mesmo carrega as marcas do enunciador e do coenunciador. A autora Carolina Maria de Jesus encaixa-se aqui à marca enunciativa e seus vizinhos - por mais que não quisessem - assumem postura de coenunciadores. O *ethos*, então, marca o jeito individual do ser social. Ou seja: a identidade discursiva do enunciador.

3. Aspectos metodológicos

O presente artigo consiste na análise de construção identitária através do diário escrito por Carolina Maria de Jesus. O *corpus* é o próprio diário, escrito em 1960 e publicado com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, numa visita sua casual à favela de Canindé.

De acordo com os preceitos de Philippe Lejeune (2008), a base do diário é a data e o primeiro gesto do diarista é fazê-la acima daquilo que vai escrever. Sem acesso nenhum a qualquer estudo sobre gêneros textuais, Carolina Maria de Jesus o fazia sem saber. Por tratar-se de um diário, ele se enquadra na literatura testimonial e carrega um discurso bastante subjetivo da autora.

A partir das teorias mencionadas de Stuart Hall e Aristóteles, será analisada a construção de identidade através de um diário, levando-as em

consideração e sabendo também que em todo discurso há uma marca do “eu” enunciativo, interagente.

A presente pesquisa procura demonstrar essa construção de maneira inicial e, posteriormente, em outros estudos, demonstrar o contexto histórico em que a obra está inserida, fragmentos do diário que se apliquem ao tema e uma conclusão mais profunda sobre essas ideias iniciais apresentadas.

4. Análise de dados

Stuart Hall (1987) infere em seus estudos que a identidade é a representação do indivíduo. E, para ele, essa representação existe por conta das relações interpessoais. Ou seja, o que ele viu, viveu, compartilha e exterioriza.

A presente pesquisa trata-se de uma análise discursiva de Carolina Maria de Jesus em seu diário e é necessário, por isso, limitarmos-nos a esse âmbito, por mais que a teoria de identidade possa ser discutida em diversos outros. Para tanto, a noção de *ethos* (inicialmente proposta por Aristóteles), para Palmira Virginia Bahia Heine (2007), é a de que o enunciativo traz no seu texto uma imagem de si, por mais imparcial que ele procure ser. Assim como o indivíduo demonstra sua subjetividade em seus discursos, os discursos também trazem consigo a subjetividade daquele que o disse, numa maneira personificada de comparação. No caso da referida análise, a subjetividade de Carolina Maria de Jesus é analisada a partir do que ela escreveu.

Em 1960, com os estudos culturais, formados nos princípios da crítica formal-psicologista de I. A. Richards, os expoentes da Escola de Birmingham, egressos das classes operárias, segundo Maria da Glória Bordini (2006), foi possível que pessoas como Carolina Maria de Jesus pudessem incluir-se como um “eu” enunciativo, de fato. Anterior a esse momento, os estudos canônicos eram os mais valorizados e exclusivamente considerados como textos literários.

Segundo Stuart Hall (1987), o conceito que permeia essa questão da consideração de existência das pessoas que moram na favela na atualidade pode ser entendido como um declínio das velhas identidades que outrora estabilizavam o mundo social. A chamada “crise de identidade” vem justamente desse deslocamento de visões centrais da sociedade moderna.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Assim como a narradora supracitada, há outros incontáveis brasileiros que vivem até os dias de hoje sem o acesso à leitura e à escrita. Carolina Maria de Jesus foge à regra quando persiste na leitura como maneira de válvula de escape para as mazelas vividas diariamente. Há fragmentos do diário em que a autora conta suas moedas obtidas pelos papéis que catou e vendeu e decide entre almoço ou janta para ela e mais três crianças, que eram seus filhos.

Carolina Maria de Jesus só pôde estudar os anos iniciais escolares. Para sua sobrevivência, a escritora optou por trabalhar como empregada doméstica. Ela utilizava os livros encontrados nas casas dos seus patrões para estudar e aprendeu a ler de maneira autodidata, uma vez que apenas dois anos escolares cursados não a fariam aprender a ler e escrever de maneira efetiva. Essa atividade de leitura, por via de livros das casas em que trabalhava, foi interrompida por sua gravidez - a primeira em 1948- e foi necessário que a poetisa passasse a morar em cortiços. Nesse momento, tornou-se catadora de papel e esse era o único meio que ela tinha de sustentar-se. Foi, então, nesse espaço, que começou a registrar seu realismo social por meio de um diário.

A “crise de identidade”, assim intitulada por Stuart Hall (1987), fez com que – poucos – autores como Carolina Maria de Jesus ascendessem ao meio da escrita. Anteriormente aos estudos culturais, não era possível ler sobre a literatura marginalizada. Mesmo após a ajuda de Audálio Dantas, repórter da *Folha de São Paulo* (1954), com a publicação do diário, Carolina Maria de Jesus sofreu diversos preconceitos pelos outros escritores por escrever fora da norma culta da língua. Sofreu também no seu próprio meio: os seus vizinhos da favela de Canindé a ofendiam por ela ser a única que sabia ler, escrever e por isso, pôde sair diversas vezes da favela e ir a encontros literários e reuniões para publicações, por exemplo. A escrita, que era seu grande anseio, também a fazia sofrer.

Unindo as teorias de Aristóteles com a noção de *ethos* discursivo e a teoria de identidade de Stuart Hall (1987), é possível inferir que através do discurso, é possível que seja construída uma identidade, que necessariamente carrega suas características subjetivas. O diário de Carolina Maria de Jesus traz um discurso que faz possível a análise da observação da identidade de uma mulher excluída por questões sociais e étnicas.

Carolina Maria de Jesus, no seu dizer, afirma que não existe nada pior na vida do que a própria vida. Há diversos fragmentos que comprovam esse pensar da autora:

Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível só ter ar no estomago. Comecei a sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando nasci o destino marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. Ia catando tudo que encontrava. (JESUS, 1960 [s/p.])

Carolina Maria de Jesus muito entende de miséria. E, como por muito tempo, muitos ficaram sem falar e exteriorizar essas mazelas vividas por inúmeras razões, ela resolve contar. Durante esse cotidiano de catadora de papéis, ela achou um caderno com folhas em branco e foi então, nesse momento, que a escritora começa a mostrar-se para o mundo através da escrita. Essa escrita foi um poder que ela mesma ensinou a si e pôde lograr de momentos que talvez nunca acontecessem se não fosse por esse acesso à leitura e à escrita.

Por vezes, Carolina Maria de Jesus utilizava-se de uma linguagem que não é comum às pessoas que têm esse pouco acesso à leitura e educação. Há partes que se pode perceber a sensibilidade da autora através de seu discurso. A teoria de *ethos* traz a ideia de que todo discurso está diretamente ligado à subjetividade do indivíduo que o escreve. Existem trechos que nos possibilitam inferir, então que, Carolina Maria de Jesus, mesmo com uma rotina que poucas vezes lhe desse motivos para sorrisos, mantinha sua sensibilidade – até nos momentos simples rotineiros – e os registrava em seu diário:

20 de julho

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou a despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam lá. Enchi minha lata e zarpei.

23 de maio

Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. (JESUS, 1960, p. 94-43).

A questão da construção de identidade, segundo a teoria de Stuart Hall (1987), faz com que essa análise seja possível. Depreende-se, através desse referencial teórico, que o discurso traz as características pessoais do seu enunciador. Portanto, unem-se as teorias de Aristóteles e Stuart Hall a fim de desenvolver uma possível análise sobre a construção dessa identidade através da escrita. Pode-se perceber, como objeto de verificação, elementos do diário que demonstram o uso da fala de Carolina Maria de Jesus como observação para a identidade da autora em sua escrita:

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

1 de junho

Eu nada tenho dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar seu sonho. Mas ela formou meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e fracos. É por isso que tenho dó dos favelados. (JESUS, 1960, p. 49)

Nesse estudo, importa desvelar a narrativa de Carolina Maria de Jesus e o seu papel discursivo, levando-se em conta os aspectos situacionais de produção. Em outras palavras, não há interesse em analisar a Carolina Maria de Jesus, em si. Mas sim, analisar a escrita da autora como maneira dela mostrar-se ao mundo e despertar-se de uma postura imposta de silenciada, por tratar-se de uma literatura considerada marginalizada.

5. *Considerações finais*

Carolina Maria de Jesus e a sociedade tida como à margem fazem parte de um grupo grande de pessoas. O que poderia ser visto já como história ou memória do período colonial permanece vivo até hoje.

As mulheres negras sofreram e sofrem até hodiernamente pela pouca acessibilidade à voz. Tendo sempre que atender às expectativas enquanto mulher e isso diz respeito à ideia de que mulher, para assim ser considerada, deve ter filhos, casar-se e o mais importante: ter essa figura masculina em casa. Essa consideração se faz necessária para situarmos na complexidade da capacidade de Carolina Maria de Jesus pôr-se, enfim, como uma escritora. Além de não atender às demandas literárias em relação à norma culta, ela também não se encaixava aos padrões impostos pela sociedade, pois era catadora de papéis, mulher, negra, moradora de favela e mãe solteira de três filhos.

Carolina Maria de Jesus faz parte de um contingente de mulheres que, como citado anteriormente, não tem acesso à sua própria voz para o mundo. Por viver e saber disso, a supracitada autora escolhe a escrita como meio de ascensão e aparecimento a um mundo que parecia ignorá-la. Em alguns fragmentos de seu diário, Carolina Maria de Jesus menciona fatos como o suicídio de um vizinho que não pôde aguentar mais com os desprazeres que ela e ele viviam cotidianamente. Há momentos em que Carolina Maria de Jesus pensa em desistir de seu diário, mas ainda assim, persiste. Tanto na vida, quanto na escrita:

29 de abril

Hoje eu estou disposta. O que me entristece é o suicídio do senhor Tomás. Coitado. Suicidou-se porque cansou de sofrer com o custo da vida.

Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome.

Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. (JESUS, 1960. p. 154)

Todavia, mesmo com essas contradições e condições sub-humanas de vida, Carolina Maria de Jesus é um ser provido de identidade. Assim como todo indivíduo. Para Stuart Hall (1987) a construção de identidade se dá pela representação desse indivíduo para o mundo. A problemática responsável pelo desenvolvimento desse estudo se dá pelas contradições encontradas por Carolina Maria de Jesus ao representar-se para esse mundo.

Essas contradições são, justamente, as dificuldades que a catadora de papéis encontrava no seu dia a dia. Por todo diário, não há um momento de equilíbrio e pode-se perceber a força e determinação para com sua vida pela resistência e persistência:

27 de julho

Levantei de manhã e fui buscar água. Discuti com o espôso da Sílvia porque ele não queria deixar eu encher minhas latas. Não tinha dinheiro em casa. Esquentei comida ardomecida e dei aos meninos.

14 de junho

...Está chovendo. Eu não posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapada e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sábado. Os favelados são considerados mendigos.

34 de julho

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome.

25 de julho

Achei o dia bonito e alegre. Fui catando papel.

Carolina Maria de Jesus escreve o referido diário utilizando-se de primeiras pessoas em todas as suas páginas e conta, de maneira narrativa, experiências subjetivas. De acordo com a teoria de *ethos* de Aristóteles, todo discurso carrega em si um aspecto do seu enunciador. Há, no texto de Carolina Maria de Jesus analisado, referências a essa escrita subjetiva pelos aspectos ressaltados. Pode-se inferir, então, junto às análises teóricas de Aristóteles e Stuart Hall (1987), que há no texto de Carolina Maria de Jesus, no uso de seu “eu” enunciador, uma manifestação que busca a construção de sua identidade, a fim de fazê-la conhecida no mundo. Além de construir sua identidade para o mundo, a autora afirma ver – através da escrita – uma maneira de escape à realidade vivida. Com sua

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

obra publicada, pôde mostrar-se ao mundo e ter sua identidade conhecida por outras pessoas:

11 de maio

Levantei e fui carregar água. Troquei os filhos, êles foram para a escola. Eu não queria sair, estou com pouco dinheiro. Precisei sair. Quando circulava pelas ruas o povo abordava-me para dizer que havia me visto no *O Cruzeiro*. (JESUS, 1960. p. 164)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINE, Palmira Virginia Bahia. *O ethos e a intimidade regulada: especificidades da construção do ethos no processo de revelação da intimidade nos blogs pessoais*. 2006. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11008/1/Palmira%20Virginia%20Bahia%20Heine.pdf>>.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: PUCRS, 2006, p. 89-103.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. Editora Contexto, 2008.